

**A AUTOSCOPIA NA INVESTIGAÇÃO EM EDUCAÇÃO:  
compreensão teórico-metodológica de uma observação reflexiva**

Rita de Cássia Souza Nascimento Ferraz<sup>1</sup>

**Resumo:** O trabalho apresenta considerações teóricas e metodológicas sobre a autoscopia como ferramenta de investigação de abordagem reflexiva. Essa perspectiva possibilita a compreensão da autoscopia como técnica de observação reflexiva inserida na pesquisa em diversas áreas, tendo como foco principal a Educação. O recorte teórico apresenta, à princípio, uma análise de estudos que enunciam funções da autoscopia como avaliação de si mesmo através da confrontação da imagem de si, possibilidade de uma modificação da ação pela percepção de causas e efeitos e percepção de aspectos que antes desconhecia e constatação de contradições. Metodologicamente a utilização da autoscopia como elemento mediador pode representar uma nova ferramenta que propiciará às pessoas uma confrontação com suas vivências e condições para incorporar e ampliar os novos conhecimentos ao seu funcionamento mental, possibilitando o estabelecimento e a ampliação de outras relações inter e intrapessoais. A partir dessa discussão, o uso da autoscopia possibilita apreender o processo reflexivo do próprio participante na situação vivenciada, uma vez que essa técnica exige um desenvolvimento de habilidades como a atenção, a observação mais apurada, a leitura e a interlocução com a imagem, enfim, habilidades que podem possibilitar a ampliação e redimensionamento dos seus próprios olhares e da sua própria subjetividade.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento. Metodologia. Observação. Prática Pedagógica

**AUTOSCOPY IN RESEARCH IN EDUCATION: theoretical-methodological  
understanding of a reflective observation)**

**Abstract:** This work presents theoretical and methodological considerations about autoscopia as a research tool with a reflective approach. This perspective enables the understanding of autoscopia as a reflexive observation technique inserted in research in several areas, with Education as its main focus. The theoretical framework presents, in principle, an analysis of studies that enunciate autoscopia functions such as self-assessment through confrontation of the self-image, possibility of a change of action by the perception of causes and effects and perception of aspects that were previously unknown and verification of contradictions. Methodologically, the use of autoscopia as a mediating element can represent a new tool that will provide people with a confrontation with their experiences and conditions to incorporate and expand new knowledge to their mental functioning, enabling the establishment and expansion of other inter and intrapersonal relationships. From this discussion, the use of autoscopia makes it possible to apprehend the participant's reflective process in the experienced situation, since this technique requires the development of skills such as attention, more accurate observation, reading and interlocution with the image, in short, skills that can enable the expansion and resizing of their own views and their own subjectivity.

**Keywords:** Development. Methodology. Note. Pedagogical Practice

<sup>1</sup>Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Itapetinga (UESB); Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação/UESB, Coordenadora do Centro de Pesquisa e Estudos Pedagógicos/UESB. E-mail: ritasouza@uesb.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1383-8641>.

## LA AUTOSCOPIA EN LA INVESTIGACIÓN EDUCATIVA: comprensión teórico-metodológica de una observación reflexiva

**Resumen:** Este trabajo presenta consideraciones teóricas y metodológicas sobre la autoscopia como herramienta de investigación con un enfoque reflexivo. Esta perspectiva posibilita la comprensión de la autoscopia como una técnica de observación reflexiva insertada en la investigación en diversas áreas, con la Educación como foco principal. El marco teórico presenta, en principio, un análisis de estudios que enuncian funciones de la autoscopia como la autoevaluación mediante el enfrentamiento de la autoimagen, la posibilidad de un cambio de acción por la percepción de causas y efectos y la percepción de aspectos previamente desconocidos y verificación. Metodológicamente, el uso de la autoscopia como elemento mediador puede representar una nueva herramienta que brindará a las personas un enfrentamiento con sus experiencias y condiciones para incorporar y expandir nuevos conocimientos a su funcionamiento mental, posibilitando el establecimiento y expansión de otras relaciones inter e intrapersonales. A partir de esta discusión, el uso de la autoscopia permite aprender el proceso reflexivo del participante en la situación vivida, ya que esta técnica requiere el desarrollo de habilidades como atención, observación más precisa, lectura e interlocución con la imagen, en definitiva, habilidades que pueden permitir la expansión y el cambio de tamaño de sus propios puntos de vista y su propia subjetividad.

**Palavras-clave:** Desarrollo. Metodología. Nota. Práctica pedagógica

### Introdução

O interesse pela autoscopia surgiu durante o desenvolvimento da tese de doutoramento na qual buscava uma técnica e/ou procedimento que melhor respondesse ao estudo com crianças (NASCIMENTO, 2011) para estudo das ações de violência psicológica na relação entre professor-aluno com dificuldades de aprendizagem. Metodologicamente, a autoscopia mostrou-se eficiente para o processo de identificação e análise dessas ações no contexto escolar e, principalmente, no uso da pesquisa com crianças. Outros estudos sobre o uso da autoscopia como a ressignificação da prática pedagógica (FERRAZ et al., 2019) e o uso da autoscopia na pesquisa com crianças (FERRAZ, 2020) também foram desenvolvidos. A partir do desenvolvimento desses estudos o aprofundamento do interesse por essa técnica em estudos do processo educacional, principalmente com docentes e crianças, visando à compreensão de questões epistemológicas e metodológicas.

No Brasil, a autoscopia foi inicialmente referenciada por Sadalla e Larocca (2004), autoras recorrentes nas citações da literatura sobre autoscopia. Entretanto, há muito tem sido referenciada e estudada. O termo autoscopia origina-se de dois termos gregos “*autos*” (próprio) e “*opsis*” (ação de ver), com o sufixo “*ia*” passando a significar “ver com os próprios olhos” (MONRES, 2005). Na definição apresentada por Sadalla e Larocca (2004), “*auto*” (de si

mesmo, a si mesmo) significa uma ação realizada pelo próprio sujeito e “escopia” (do grego *skoppós* e latim *scopu*) significa olhar (olhar-se a si mesmo, ato de olhar a si mesmo) como objetivo, finalidade, meta, alvo ou mira. Caracterizando, portanto, uma “ação em que o sujeito se volta para si mesmo para analisar-se, com o auxílio de uma tecnologia de imagem como o vídeo” (GALVÃO; CUNHA, 2013, p. 208).

Segundo Monres (2005), na Medicina, a autoscopia está associado a procedimentos médico-legais anatomopatológicos em exames cadavéricos. Nos estudos de fenômenos parapsíquicos a autoscopia é utilizada como procedimento de investigação (GONÇALVES, 2005).

Na década de 1970 os estudos sobre autoscopia foram desenvolvidos por Monique Linard (1980) do Instituto de Ciências e Educação da Universidade de Paris. A princípio, o recurso da videogravação possibilitou a entrada e sustentação da autoscopia como técnica de investigação através da avaliação de si mesmo por meio da confrontação da imagem de si (LINARD; 1974, 1980; PRAX, LINARD; 1975; NAUTRE; 1989; ROSADO; 1990, 1993; FERRÉS, 1996), da possibilidade de uma modificação da ação pela percepção de causas e efeitos (LINARD, 1980) e da percepção de aspectos que antes desconhecia (ROSADO, 1993 citado por SADALLA, 2004). Como em poucos recursos para coleta de dados, através da videogravação é possível rever posteriormente as ações e comportamentos, refletindo sobre seus conceitos por meio da análise de sua prática (BELEI, 2008), possibilitando assim, o acesso a processos latentes, aspecto pouco reconhecido pelo sujeito observado e que podem, então, ser vislumbrados a partir do compartilhamento do olhar com aquele que observa.

Na educação a autoscopia foi iniciada com os estudos sobre formação docente, no Centro de Audiovisuais da Escola Normal de *Saint Cloud*, na França, através de uma atividade que permitia analisar e refletir a atividade pedagógica proposta por Fauquet e Strasfogel em 1967 (IEFP, 1999). Segundo Nunes (2020):

Os autores pretendiam adotar na educação francesa uma nova metodologia de formação de professores baseada no microensino americano [...]. A autoscopia emerge assim na confluência de dois fatores presentes naquela época: a insatisfação com a formação de professores e com o desempenho dos alunos, e o advento da tecnologia audiovisual americana. A pressão conjugada dessas forças, ideológica e tecnológica, marcou profundamente uma reflexão pedagógica estimulada pela exigência quase inexorável de inovações na década de 1960 [...] (p.18)

Nos estudos atuais de instrumentos e procedimentos metodológicos, o uso da autoscopia como técnica de investigação tem sido objeto recorrente em pesquisas de diversas áreas como a das Ciências Humanas, Saúde e Artes. As questões epistemológicas e metodológicas sobre a autoscopia versam sobre uma temática comum: o processo de auto-reflexão. No entanto, os efeitos mais específicos do procedimento da autoscopia, conforme investigado por Nunes (2020) são, em números mais expressivos, na área da Educação, principalmente os estudos sobre a formação docente.

A nosso ver, a autoscopia tem se sustentado nos processos de investigação como uma ferramenta que contribui, não somente para os estudos na área de formação docente, como para os da modificação de comportamentos. Inicialmente, o recorte teórico dessa discussão apresenta uma análise de estudos que enuncia funções da autoscopia como: avaliação de si mesmo através da confrontação da imagem de si, possibilidade de uma modificação da ação pela percepção e através da percepção de aspectos que antes desconhecia e a constatação de contradições.

Nesse trabalho, a autoscopia será apresentada metodologicamente como elemento mediador por ser uma ferramenta compreendida como técnica de observação reflexiva inserida na pesquisa em diversas áreas, tendo como foco principal a Educação. Dessa forma, analisar as potencialidades epistemológicas e metodológicas da autoscopia como ferramenta de investigação de observação reflexiva é parte essencial para o desenvolvimento e aprofundamento de investigações futuras.

### **Considerações epistemológicas e metodológicas da autoscopia**

Em relação à definição e ao uso da autoscopia, os trabalhos encontrados na literatura apresentam certa unicidade e alinhamento para com as questões epistemológicas e metodológicas. Geralmente a definição de autoscopia apresentada na literatura, versa sobre o que significam os termos e, em alguns, o desenho histórico sobre o uso da autoscopia nos estudos sobre educação.

Independentemente da área de estudo, a explicação sobre o que é e em que consiste a autoscopia, vem sustentando as considerações epistemológicas (reflexões sobre si e modos de agir) e metodológicas (como dispositivo de diagnóstico, ferramenta ou técnica de investigação) da autoscopia.

Não somente na educação, como em estudos da arte, especificamente a dança (MOTA; ROBLE; SILVA, 2017) e, sobre o contexto pedagógico na relação médico-paciente, em cursos de Medicina (ALMEIDA; GALVÃO, 2019) o descritivo para a autoscopia apresenta uma concepção voltada para a condição de ser um procedimento reflexivo da ação do sujeito.

No contexto da formação docente, tendo a autoscopia como ferramenta de reflexão, Nunes (2020) organizou a obra “Autoscopia: uma ação reflexiva sobre a prática docente”. Os artigos versam sobre o uso dessa técnica e de seus procedimentos no processo de aprendizagem com temáticas diversas: aspectos metodológicos, formação de professores reflexivos, contribuições para formação de docentes que atuam com alunos autistas, formação de pais para intervenção com filhos autistas e alunos com deficiências múltiplas, etc.

No estudo desenvolvido por Nunes et al. (2020) que tem como objeto uma revisão descritiva da técnica e procedimentos da autoscopia na formação inicial e continuada do professor reflexivo, as autoras apresentam um desenho atual da literatura na educação. Essa revisão descritiva com recorte para os anos de 1989-2019 em bases de dados eletrônicas reúne fontes de informações que compõe o estado da arte. Apresentam a caracterização do uso da autoscopia como a trifásica (ROSA-SILVA; LORENCINI JR., 2007; ROSA-SILVA; LORENCINI JR.; LABURU, 2010; ROSA-SILVA et al., 2010; VACHESKI; LORENCINI JR., 2018), as fases da autoscopia – treinamento e orientada - (SILVA, 2016; SCHMIDT et al., 2019) e combinação da autoscopia com o microensino (ARRIGO et al., 2017). Também apresentaram as temáticas mais frequentes nos estudos da autoscopia dentre as quais citamos: ações pedagógicas no contexto de sala de aula (ROSA-SILVA et al., 2010; PIRATELO et al. 2017; SOUZA et al., 2019); autoconhecimento de si e do outro (RAMOS, ARAGÃO, 2018); relação professor-aluno (SADALLA; LAROCCA, 2004); adoção de postura investigativa em momentos posteriores na prática pedagógica (TOSTA, 2006); inovação de práticas de formação docente (FERNANDES, 2004); ajuste de práticas pedagógicas às demandas formativas e cognitivas dos alunos (SILVA, 2016; VACHESKI; LORENCINI, 2018); desempenho do aluno com autismo (SILVA, 2016); desenvolvimento da autonomia (CARVALHO; PASSOS, 2014); possibilidade de observar o processo de aprendizagem e desenvolvimento da professora e de suas escolhas e dificuldades ao planejar uma aula (KLEPKA; CORAZZA, 2018), etc.

Dentre o observado na literatura sobre a autoscopia encontramos ainda, estudos que

comprovam a eficácia do uso desse recurso para a formação de professores na educação brasileira (SCHMIDT et al., 2019) e como recurso útil na sala de ensino regular e de recursos multifuncionais que atendem alunos com Transtorno do Espectro Autista (SILVA; NUNES, 2020). Conforme se apresenta na literatura, a autoscopia tem se tornado um instrumento de formação, consistindo na coleta de dados através da videogravação de uma prática com sujeitos específicos de contextos diversos que assistem ao vídeo a posteriori, autoavaliando suas condutas e realizando uma autorreflexão (SADALLA; LAROCCA, 2004; SOUZA et al., 2019; NUNES, 2020), dado o que tem permitido avanços nas práticas de ensino, ao possibilitar ao profissional a tomada de consciência de suas deficiências no fazer pedagógico.

A autoscopia também é caracterizada como procedimento, quando aliada a vídeo-gravação e, como técnica, ao permitir ao pesquisador uma compreensão mais profunda sobre o fenômeno a ser investigado, quando em comparação com outras formas de pesquisa (KLEPKA; CORAZZA, 2018). Também pode ser uma técnica de pesquisa-ação em que o “professor, à medida que reflete criticamente sobre sua prática, pode ser capaz de transcendê-la, isto é, através do ato de conhecer-se a si mesmo. Expressão que se refere aos tipos de conhecimento que são revelados em nossas ações inteligentes sejam elas performances físicas observáveis ou operações cognitivas”. (GALVÃO; CUNHA, 2013, p. 208).

Como a autoscopia supõe dois momentos essenciais - a videogravação da situação a ser analisada e as sessões de análise das cenas filmadas - o interesse para o uso desse recurso consiste, sobretudo, na análise que o participante/colaborador pode realizar ao confrontar-se com a imagem de si na tela e com as situações vivenciadas. Na autoscopia, são realizadas videogravações das situações investigadas, e na sequência o sujeito assiste ao material e tecendo comentário sobre o que vê num processo de auto-reflexão.

Segundo Sadalla e LaroCCA (2004), a função autoavaliadora contida na autoscopia implica contemplação e conseqüente reflexão sobre o próprio comportamento. “O material videogravado é submetido a sessões de análise a posteriori da ação, [e possibilita] a apreensão do processo reflexivo do ator (ou atores), através de suas verbalizações durante a análise das cenas videogravadas” (p. 419). Ainda, para as autoras, “o encontro objetivado consigo, por meio do vídeo, torna-se um instrumento para provocar verbalizações mediante o conflito que se instala entre a imagem e o eu subjetivo e [...] a possibilidade de promover articulações entre

elementos envolvidos nos registros” (p. 422).

Isso posto, a tecnologia de vídeogravação adéqua-se para o registro e investigação de fenômenos nos quais intervém o movimento; fenômenos complexos formados pela interferência de múltiplas variáveis, muitas das quais atuam simultaneamente. Desse modo, a vídeogravação permite registrar, até mesmo, acontecimentos fugazes e não perceptíveis que muito provavelmente escapariam a uma observação direta (FERRÉS, 1996).

A vídeogravação pode ser utilizada de diferentes maneiras como filmar o fenômeno que se pretende pesquisar, para posteriormente realizar a análise ou usar filmes pré-existentes, produzidos pelo próprio pesquisador, ou outro autor, propondo que os sujeitos do estudo discutam ou opinem sobre o que foi apresentado (LOIZOS, 2002). Em relação à vídeogravação, Meira (1994, p. 61) afirma que “o registro das atividades humanas em vídeo apresenta-se como uma ferramenta ímpar para a investigação microgenética de processos psicológicos complexos, ao resgatar a densidade de ações comunicativas e gestuais”. Consideram-na ainda, como uma técnica que permite a construção de uma representação do real, como espaço, tempo, objetos, personagens, assim como de seus movimentos, suas ações e suas interações. No caso do registro de interações sociais, pelo qual se considera o comportamento de todos os participantes, Dessen e Murta (1997) sinalizam que o uso da gravação em vídeo mostra-se como um recurso muito valioso.

Segundo Jobim e Souza:

O uso da vídeogravação em pesquisa acadêmica não se caracteriza somente como um rico instrumento de coleta de dados, mas operacionaliza a condição na qual o pesquisador e sujeitos envolvidos poderão ter possibilidades efetivas de construir conhecimentos sobre as práticas sociais e as representações tecidas nas interações com o cotidiano, expressas na linguagem audiovisual. Podemos com isso refletir sobre o estranhamento que o uso do vídeo permite; um estranhamento que se refere ao distanciamento em relação ao que, na esfera do cotidiano, se torna hábito, uma conduta que não é julgada pelo pensamento reflexivo (2003, p. 91).

Pino (2005) considera que o registro em vídeo tem a vantagem de permitir que a observação possa perpetuar-se e ser reproduzida tantas vezes quanto necessárias para realizar sua interpretação, a qual é dinâmica como dinâmica é a percepção do objeto observado, o que possibilita a emergência de aspectos novos. O registro em vídeo permite fazer não só

observações mais longas e detalhadas que as feitas no ato do registro, e também observações novas, pois novas são as situações em que cada exposição aos dados registrados se apresentado ao pesquisador.

Nesse sentido, a filmagem revela-se como instrumento que ao invés de congelar momentos, busca capturá-los através de som, imagem e movimento integrados, assumindo que a imagem sozinha não representa o panorama pesquisado, mas pode ser vista num conjunto de forma a favorecer o desvendamento da intrincada rede que constitui a produção de sentidos (MACEDO, et al., 2004).

Retomando as considerações sobre a definição da autoscopia, o conceito trazido por Carvalho e Passos (2014, p. 80) apresenta a autoscopia como “procedimentos de coleta de informações por meio da gravação da ação do sujeito e, na continuidade, coloca-o como avaliador de seu próprio desempenho”, pois possibilita a reflexão sobre e na ação pedagógica. Também é vista como procedimento de pesquisa e intervenção reflexiva por ser similar ao da sala de espelhos (SCHÖN, 2000) como apresentado no estudo de Rosa-Silva, Lorencini Júnior e Laburú (2010) e Rosa-Silva e Lorencini Júnior (2007). Segundo os autores a sala de espelhos utiliza estratégias que também possibilitam ao docente refletir o seu modo de agir na sala de aula, problematizando o seu trabalho pedagógico por meio da demonstração de práticas educativas iguais ou semelhantes às suas. Essa associação se dá pelo fato da autoscopia ser um recurso homólogo à prática docente porque se desenvolve a partir de reais situações de ensino e tem o professor como o principal protagonista na observação de suas próprias ações videogravadas.

A abordagem da autoscopia como processo que permite o desenvolvimento da auto-observação e da autocrítica que oportuniza o diagnóstico de comportamentos pedagógicos a melhorar, visando o aperfeiçoamento das ações de cada um foi definida por Bourron, Chaduce Chauvin (1998). Indicativo esse, para os autores proporem a divisão da autoscopia em cinco fases: preparação (escolha do tema, estudo das características dos participantes e planejamento da atividade), desenvolvimento (registro da realização da ação/situação a ser videogravada), visionamento (visualização das ações/situações videogravadas e confronto com a própria ação/situação, revisão das atitudes e comportamentos para análise), análise (observação do registro das manifestações relevantes sobre os aspectos investigados) e síntese (identificações

das ações/situações a serem melhoradas).

A concepção de ser uma técnica “baseada na verbalização dos processos mentais que partem do princípio, comum a toda a investigação qualitativa, de que é importante captar e estudar os processos de pensamento dos atores em ação e interação”, também é caracterizada por Amado (2014, p. 265). Para o autor trata-se de uma técnica utilizada tanto para a investigação (observação realizada pelo próprio agente da ação mediante o recurso da gravação) como para a formação (tomada de consciência sobre si mesmo e suas ações, posturas, etc., reflexão sobre a própria prática).

A autoscopia passa, portanto, a se configurar no contexto de estudos epistemológicos e metodológicos por possibilitar através do seu uso a construção de conhecimentos para compreensão da formação docente, subjetividade dentre outras temáticas.

### **A autoscopia como procedimento de investigação na Educação**

Um dos problemas da pesquisa qualitativa é investigar o sujeito e seus processos constituintes. Essa dificuldade se manifesta não apenas pela complexidade do tema ou devido a certa limitação das técnicas de coleta de dados utilizadas, mas também pelo fato de que o objeto de estudo precisa ser construído e esta é uma tarefa teórica.

As técnicas de coleta de dados nas investigações em educação são diversas e cada pesquisador adota as que são viáveis à proposta a ser estudada. Segundo Amado (2014), a investigação em educação está relacionada à especificidade do fenômeno educativo, pois depende do:

[...] que os educadores fazem e se propõem como objetivos e, devido ainda, ao que os mesmos precisam de saber e que é, certamente, diferente do que necessitam outras áreas da atividade humana. Para entendermos esta asserção, afigura-se fundamental iniciarmos o nosso estudo pelo esforço de entender o que é educação e qual a natureza do ato educativo. (pp. 19-20)

Ainda segundo o autor, técnicas “baseadas na verbalização dos processos mentais que partem do princípio, comum a toda a investigação qualitativa, de que é importante captar e estudar os processos de pensamento dos atores em ação e interação” (p. 236) como a autoscopia podem ser utilizadas tanto para investigação quanto para a formação.

Amado (2014) argumenta que assim como a autoscopia, essas técnicas se fundamentam no que denomina de “modelos mediacionais” (AMADO, 2014) os quais exigem uma incorporação resultante da vivência dos atores do processo. No caso da educação, podemos considerar a sala de aula (prática educativa, processo de ensino-aprendizagem) e os professores e alunos. Estabelece, assim, a relação com as implicações metodológicas e epistemológicas que a sustentam, pois “compreender o ensino-aprendizagem, como prática social que é não pode mais ser alcançado sem ter em conta o que pensam de si mesmo e dos outros, os agentes do processo: professores e alunos”. (AMADO, 2014, p. 235). Portanto, a autoscopia ocorre “durante a realização das tarefas e destinam-se a observar e registrar reações, hesitações, tomadas de decisão, etc.” (p. 236).

Isso também foi constatado nos estudos em que a docência é o foco central das temáticas investigadas como na definição de Sadalla e LaroCCA (2004) em que a autoscopia é atrelada a videogravação, ao utilizá-la para observação e autoavaliação, de uma aula, pelo professor em sua prática educativa após o desenvolvimento da mesma.

Essa compreensão da utilização da autoscopia como mediadora pode representar uma nova ferramenta que propiciará às pessoas, além de uma confrontação com suas vivências, condições para incorporar ao seu funcionamento mental e ampliar os novos conhecimentos, possibilitando o estabelecimento e a ampliação de outras relações inter e intrapessoais. Decerto, que essa mediação acontece pelo fato de a autoscopia apresentar dois momentos essenciais: a videogravação ou a imagem propriamente dita da situação a ser analisada e o momento de análise das cenas filmadas ou imagens fotografadas, resultando em um processo reflexivo. A visualização das ações/situações possibilita a identificação de aspectos a melhorar, bem como, os comportamentos a serem mantidos e potencialidades no seu desempenho pedagógico. A concepção de Sadalla e LaroCCA (2004) da função autoavaliadora contida no procedimento da autoscopia implica contemplação e conseqüente reflexão sobre o próprio comportamento.

Talvez essa definição tenha sido referendada pelo argumento de Bourron, Chaduc e Chauvin (1998) de a autoscopia ser um recurso pedagógico utilizado na formação docente a qual só tenha sentido quando desenvolvida na prática educativa e depois de recolhidas as expectativas dos professores. Os autores propõem a realização da autoscopia em cinco fases (preparação, desenvolvimento da aula, assistir-se no vídeo, análise e síntese):

Na fase de preparação, é escolhido o tema a abordar, são estudadas as características da população alvo, é sentida a necessidade de elaboração de um plano onde constem os objetivos, conteúdos, estratégias a utilizar, bem como os meios materiais necessários. A fase de desenvolvimento caracteriza-se pela ‘ação’ em si. O formando, (...), dá a sua aula a qual é assistida pelos colegas e pelo orientador, sendo videogravada. Na fase de visionamento [assistir-se no vídeo], cada professor assiste ao registro da sua aula. É neste momento que o professor é confrontado com a sua própria imagem. É a oportunidade de rever os seus comportamentos e registrar os aspectos mais e menos positivos. Antes da fase de análise, é necessário que se definam os critérios de análise a utilizar. De acordo com esses critérios, o formando deve fazer a análise da sua aula, seguindo-se as análises dos colegas que também observaram a aula, bem como a do orientador que deve integrar os pareceres manifestados e focar aspectos relevantes ainda não abordados. Finalmente, na fase de síntese, é indispensável que cada um reconheça os seus pontos fortes e fracos, identificando os aspectos a melhorar na sua ação pedagógica (BOURRON; CHADUC; CHAUVIN, 1998, p. 23-24).

Dentre as fases mencionadas, a análise de microssituações de ensino, a partir da visão do próprio protagonista da prática, possibilita reconsiderar comportamentos e condutas com mais tranquilidade e objetividade do que se o fizéssemos em real situação de sala de aula (FERNANDES, 2004). Entretanto, o desenvolvimento de uma análise com o auxílio do vídeo não é uma tarefa de fácil realização, pois esse procedimento possibilita um processo de reflexão e de tomada de consciência simultâneos sobre variadas expressões: “linguagem, metalinguagem, deslocamentos, posturas, expressões faciais, maneirismos, entre outros, tanto de si como das demais pessoas envolvidas na situação registrada” (SADALLA; LARocca, 2004, p. 422).

Para Shulman (2014) a reflexão como a proporcionada na autoscopia:

[...] é o que faz um professor quando olha para o ensino e o aprendizado que acabaram de ocorrer e reconstrói, reencena e/ou recaptura os eventos, as emoções e as realizações. É por meio desse conjunto de processos que um profissional aprende com a experiência. Pode ocorrer sozinho, com a ajuda de dispositivos de gravação ou apenas com a memória (p. 221).

A Educação como atividade de interação mediada que impulsiona o desenvolvimento é em sua essência algo marcado pela transformação de teorias diversas, tendo destaque aqui a histórico-cultural (VIGOTSKI, 1993). A autoscopia, ao atuar como mediadora, nos termos da Psicologia Histórico-Cultural, pode representar uma ferramenta que propicia uma confrontação

com as vivências do sujeito, de modo a poder avaliá-las e se posicionar diante delas (VIGOTSKI, 1993). Essa concepção passa pela compreensão da autoscopia ser empregada como ferramenta que busca possibilitar ao sujeito apropriação de informações, até então, desconhecidas sobre ele mesmo e suas atuações. Numa abordagem histórico-cultural o sujeito não se relaciona diretamente com o mundo natural, mas por meio de mediação semiótica através ferramentas de ordem instrumental e simbólica, que se interpõem de forma articulada entre o sujeito e suas experiências (VIGOTSKI, 1993).

Nesse sentido, a autoscopia pode ser considerada, simultaneamente, uma ferramenta de caráter material, ao fazer uso de uma nova tecnologia e instrumento, a câmera de vídeo, bem como pelo caráter psicológico, ao permitir ao participante filmado observar-se de forma até então inusitada. Assim, pode ser caracterizada então, como uma nova técnica que possibilita o desenvolvimento de habilidades como a atenção, a observação mais apurada, a leitura e a interlocução com a imagem, habilidades que podem possibilitar ao sujeito/participante ampliar e redimensionar os seus olhares para a sua subjetividade.

No estudo de Nascimento (2011), essa compreensão foi constatada ao se utilizar a autoscopia como instrumento que possibilitou o redimensionamento do olhar do sujeito. O uso da autoscopia possibilitou aos participantes da pesquisa expressar-se a respeito das situações vivenciadas e produzirem, assim, os elementos/indícios para a compreensão do impacto dessa vivência nas formas de ver o outro e a si. A experiência subjetiva vivenciada pôde ser acessada, também, por meio dos relatos verbais e comportamentos observáveis visualizados nas videogravações.

Segundo Maheirie (2006), o sujeito, a partir das relações que vivencia no mundo, produz significações e, portanto, como ser significante tem a fala como objetivação da sua subjetividade. A fala como algo a ser compreendido pelo outro passa a ser, mediante uma análise do pesquisador, uma relação de interpretação da subjetivação do sujeito.

As reflexões decorrentes de situações vivenciadas sejam educativas ou não, a apreensão do processo reflexivo de um profissional por meio das falas e ações/comportamentos são possibilidades que a autoscopia, vista como intervenção reflexiva, pode estimular para o processo formativo e, conseqüente experiência profissional.

Por fim, a adoção da autoscopia pode possibilitar ao sujeito uma reflexão sobre as

condições de elaborarem e constituírem novas formas de interação inter e intrapessoais, o que talvez possa proporcionar a modificação de suas ações e experiências no contexto em que se inserem.

## Considerações Finais

Decerto, a pesquisa qualitativa privilegia algumas técnicas que possibilitam a descoberta de fenômenos latentes. Isso pressupõe que a utilização de técnicas não deve construir um modelo único e exclusivo. A pesquisa é uma criação que mobiliza a acuidade inventiva do pesquisador, sua habilidade artesanal e sua perspicácia para elaborar a metodologia adequada ao campo de pesquisa e aos problemas que ele enfrenta com as pessoas que participam da investigação. Dessa forma, a autoscopia pode permitir a construção de uma compreensão profunda sobre os fenômenos - contribuição epistemológica-, ao invés de conclusões amplas, compreendidas apenas superficialmente por outras formas de abordagem.

Como um dispositivo metodológico de natureza qualitativa em abordagem reflexiva, a autoscopia se mostra como um recurso eficiente para a pesquisa não somente em contexto educacional, bem como em áreas diversas. Ressaltamos, ainda, a possibilidade de o sujeito redimensionar suas ações e formas de pensar sobre si mesmos, o que confirmar a necessidade de estudos que possibilitem a construção de experiências inovadoras, promovendo mudanças na escola, no próprio docente e no aluno.

## REFERÊNCIAS

AMADO, J. (Coord.) **Manual de investigação qualitativa em educação**. Pombalina: Coimbra, 2014

ALMEIDA, V.G.; GALVÃO, E. F. C. Autoscopia no contexto pedagógico: percepção dos acadêmicos de Medicina sobre a relação médico-paciente. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**. n. 32, | Volume Suplementar 32 | 2019. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saude/issue/view/97> Acesso 22 mai. 2021.

ARRIGO, V.; LORENCINI JR., A. BROIETTI, F.C.D. A autoscopia bifásica integrada ao microensino: uma estratégia de intervenção reflexiva na formação de professores de química. **Investigações em Ensino de Ciências**, v. 22, n.1, p. 01-22, 2017. Disponível em: <https://www.if.ufrgs.br/cref/ojs/index.php/ienci/article/view/191> Acesso 02 fev. 2019.

BELEI, R. A., GIMENIZ-PASCHOAL, S. R., NASCIMENTO, E. N.; MATSUMONO, P. H.

V. R. O uso de entrevista, observação e videogravação em pesquisa qualitativa. **Cadernos de Educação**, Cadernos de Educação | FaE/PPGE/UFPel | Pelotas [30]: 187 - 199, janeiro/junho 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1770> Acesso 30 jun. 2019.

BOURRON, Y.; CHADUC, J.; CHAUVIN. M. **L'Image de Soi par la Vidéo: Pratiqedel'Autoscopie**. Paris:Top Éditions.1998.

CARVALHO, D. F., PASSOS, M. M. A autoscopia e o desenvolvimento da autonomia docente. **Revista Educação e Ciências da Matemática** [Internet]. V. 10, (20) Jan-Jun, 2014, p. 80-100. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistaamazonia/article/view/2300#:~:text=Em%20fun%C3%A7%C3%A3o%20da%20proposta%20investigativa,suas%20a%C3%A7%C3%B5es%20quando%20ensina%20matem%C3%A1tica>. Acesso mar. 2019.

DESSEN, M. A.; MURTA, S. G. A metodologia observacional na pesquisa em psicologia: Uma visão crítica. **Cadernos de Psicologia**, 1, p. 47-60, 1997.

FERRAZ, R. C. S. N.; FERREIRA, L.G.; FERREIRA, L.G. Ressignificação da Prática Pedagógica: Contribuições da Autoscopia para a formação do professor. **Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos**. v. 7, p. 222-237, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/educajovenseadultos/article/view/9846> Acesso Dez. 2019.

FERRAZ, R. C. S. N. . A violência psicológica na sala de aula: prática de xingamentos e rejeições. In: EUGENIO, B. G.; SANTANA, J. V.; FERREIRA, M. F. A. (Org.). **Relações Étnico-raciais, diversidade e educação**. 1ª ed.Curitiba: CRV, 2020, v. , p. 99-120.

FERNANDES, S. D. S. **Vídeo formação: uma experiência de autoscopia com professores estagiários** (dissertação). Universidade do Minho, Braga, 2004.

FERRES, J. **Vídeo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GALVÃO, Z.; CUNHA, A. C. A autoscopia como estratégia: a percepção e reflexão de uma professora de Educação Física sobre sua ação pedagógica. **Atas [...]IX SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA, LAZER E SAÚDE**, Braga/Portugal. p. 207-218. 2013.

GONÇALVES, A. L. M. **Autoscopia** (Perceber-se a si mesmo fora do corpo). Disponível em <http://www.maat-order.org/fenomenos/cap6.htm>Acesso 04 set. 2005.

IEFP. **A Autoscopia na Formação**. 5.ª Ed. Lisboa: Edição IEF, 1999.

JOBIM E SOUZA, S. Dialogismo e alteridade na utilização da imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. **Ciências Humanas e Pesquisa** – Leituras de Mikhail Bakhtin, São Paulo, Cortez, 2003 – (Coleção questões da nossa época; v. 107)

KLEPKA, V.; CORAZZA, M. J. Autoscopia de uma professora em formação continuada para a aprendizagem da filogenia. **Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, v. 14, n. 32, pp. 130-44, 2018.

LINARD, M. Autoscopia por vídeo na formação ou a imagem de si no trabalho. Tradução: Elza Muniz Barreto de Carvalho. **Revista Educação Permanente**, Paris, n.52, março 1980.

LINDNER, L. M. T.; PERES, L. M. V. Estágio, um rito de passagem: autoscopias como forma de narrar-se, o sentido da docência se constituindo. **Educere et Educare: Revista de Educação**, v. 9, n. especial, pp. 549-61, jul.-dez. 2014.

LOIZOS, P. Vídeo, filme e fotografias como documento de pesquisa. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 137-55.

MACEDO, E.; OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N.; BARRETO, R. G. Apresentação. **Educação e Sociedade: Revista de Ciência da Educação**. Centro de Estudos Educação e Sociedades. São Paulo: Cortez, vol. 25, jan/abr, p. 15-16, 2004.

MAHEIRIE, K. Subjetividade, imaginação e temporalidade: a atividade criadora em objetivações discursivas. In: DA ROS, S. Z.; MAHIERIE, K.; ZANELLA, A. V. (Orgs.) **Relações estéticas, atividade criadora e imaginação: sujeito e (em) experiências**. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, Coleção Cadernos CED, v. 11. p. 145-155. 2006.

MEIRA, L. Análise microgenética e videografia: ferramentas de pesquisa em psicologia cognitiva. **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto, n. 3, p. 59-71, 1994.

MONRES, J.G. **Linguagem Médica. Autópsia, Autopsia, Necropsia, necropsia, Necroscopia**. Disponível em <http://www.saps.com.br/sites/monres/site.php>. Acesso em 04/09/2005.

MOTA, K. C. C.; ROBLE O. J.; SILVA, F. M. C. A autoscopia como método de autoanálise e feedback para bailarinos clássicos durante técnicas de pas de deux. **Conexões: Educ. Fís., Esporte e Saúde**, Campinas: SP, v. 15, n. 2, p. 172-186, abr./jun. 2017.

NASCIMENTO, R. de C. S. **Entre xingamentos e rejeições: um estudo da violência psicológica na relação entre professor e aluno com dificuldades de aprendizagem**. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia: Universidade Federal da Bahia. Salvador-BA, 2011.

NAUTRE, C. Etudesurl'utilisation de l'autoscopievideoenformationpermanente auGroupeEsc Lyon. In: **Cycle de Management des RessourcesHumainesà l'institut de GestionSociale de Lyon**, 3., StageFévrier/Mars (Spécial). Lyon, France, 1989, p. 1-41. (Mimeo).

NUNES, L. R. d'O. P. (Org.) **Autoscopia: uma ação reflexiva sobre a prática docente**. Rio de Janeiro :EdUERJ, 2020.

NUNES, L. R. D'O. P.; SILVA, S. P. N.; NUNES, D. R. P.; SCHIRMER, C. R. Técnicas e procedimentos de autoscopia na formação inicial e continuada do professor reflexivo: revisão descritiva da literatura. In: NUNES, L. R. d'O. P. (Org.) **Autoscopia**: uma ação reflexiva sobre a prática docente. Rio de Janeiro :EdUERJ, 2020. p. 15-43.

PINO, A. **As marcas do humano** – As origens da constituição da cultura na criança na perspectiva Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez. 2005

PIRATELO, M. V. M. et al. As relações epistêmicas com os saberes docentes em sala de aula em um PIBID/Física. **Revista de Educação, Ciências e Matemática**, v. 7, n. 1, pp. 165-81, 2017.

Disponível em:  
<http://publicacoes.unigranrio.com.br/index.php/recm/article/view/3968/2315>. Acesso em: 22 jan. 2020.

PRAX, I.; LINARD, M. (1975). **Autoscopie et personnalité. Bulletin de Psychologie**, Paris, V. XXIX, n. 323, p. 704-715, 1975.

RAMOS, A. M.; ARAGÃO, A. M. F. Convivência ética e formação de professores: novas práticas, sentidos e significados. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 10, n. 2, ago./dez. 2018.

ROSADO, E. M. S. **Communication mediatisée et processus d'évolution des représentations** – Etude de Cas: La représentation de l'informatique. Tese de Doutorado em Psicologia. Université Lumière Lyon. 1990.

ROSA-SILVA, P. O., LORENCINI JR., Á.; LABURÚ, C. E. Análise das reflexões da professora de ciências sobre a sua relação com os alunos e implicações para a prática educativa. **Revista Ensaio**, 12(1), 63-82. 2010.

ROSA-SILVA, P. O.; LORENCINI JR, A. Análise das reflexões de uma professora de ciências do ensino fundamental sobre avaliação escolar. **Estudos em Avaliação Educacional**. 18(38), 111-136. 2007. DOI: 10.18222/ea183820072086

ROSA-SILVA, P. O. et al. Análise das reflexões da professora de ciências sobre a sua relação com os alunos e implicações para a prática educativa. **Ensino, Pesquisa, Educação, Ciências**, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, pp. 63-82, abr. 2010. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1983-21172010000100063&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-21172010000100063&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 22 jan. 2020.

SADALLA, A. M. F. A.; LAROCCA, P. Autoscopia: um procedimento de pesquisa e de formação. **Educação e Pesquisa**, 30(3), 419-433, 2004.

SCHMIDT, C. et al. Autoscopia as a methodological resource in the inter-ventions with autism: empirical aspects. **Psicologia: Teoria e Prática**, v. 21, n. 3, pp. 418-36. 2019.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo**: um novo design para o ensino e a aprendizagem. Tradução de Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre, RS: Artmed. 2000.

SHULMAN, L. S. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. **Cadernos Cenpec**, 4(2), p. 196-229. 2014.

SILVA, T. M. S.; NUNES, L. R. O. P. O uso da autoscopia como aliada na formação continuada de professores de Sala de Recursos Multifuncionais. In: NUNES, L. R. O. P.; SCHIRMER, C. R., Orgs. **Salas abertas: formação de professores e práticas pedagógicas em comunicação alternativa e ampliada nas salas de recurso multifuncionais [online]**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2017, pp. 137-168. Disponível em: ePUBfrom: <http://books.scielo.org/id/xns62/epub/nunes-9788575114520.epub>.

SILVA, T. M. S.; NUNES, L. R. O. P. O uso da autoscopia e do Desenho Universal para a Aprendizagem na formação de professores reflexivos. IN: NUNES, L. R. d'O. P. (Org.) **Autoscopia: uma ação reflexiva sobre a prática docente**. Rio de Janeiro :EdUERJ, 2020, p. 45-88.

SILVA, T. M. A **Autoscopia como ferramenta para a formação continuada de professores de Sala de Recursos Multifuncionais** (dissertação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: [http://www.proped.pro.br/teses/teses\\_pdf/2014\\_1-1250-ME.pdf](http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/2014_1-1250-ME.pdf). Acesso em: 20 ago. 2017.

SOUZA, D. M., BACKES, V. M. S., PRADO M.L., MOYA, J. L. M. Autoscopia no processo de formação de docentes reflexivos. **Rev Rene** (Online). 2019; 20: e40881.

TOSTA, C. G. **Autoscopia e desenho: a mediação em uma sala de Educação Infantil**. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia – Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais. 2006.

VACHESKI, G., M. O.; LORENCINI JR, A. A abordagem CTS e a autoscopia trifásica: as reflexões de uma futura professora de química. **Revista de Ensino de Ciências e Matemática**, 2018.

VIGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas II**. Madrid, Centro de Publicacionesdel MEC y Visor Distribuciones. 1993.

Submissão em: 23/05/2022

Aceito em: 08/09/2022

Citações e referências  
conforme normas da:

